

DARCY RIBEIRO: O FUTEBOL "NACIONAL" E OUTRAS QUINQUILHARIAS

Ildenilson Meireles¹

Recebido em: 30/05/2025

Aprovado em: 25/06/2025

Resumo: Este artigo discute o status do futebol brasileiro atual sob a perspectiva da ideia de nacionalismo pensada por Darcy Ribeiro. Defendida fanaticamente pelo movimento político de extrema direita, a ideia do nacionalismo esbarra numa contradição que revela suas bases de país econômica e culturalmente dependente, o que explica em larga medida a forte tendência dos partidários da extrema direita em entregar as riquezas nacionais e manter a consciência ingênua do amor pela pátria. Essa tendência se apresenta também no futebol brasileiro, fenômeno de massa e recentemente tomado pelo discurso nacionalista de extrema direita em jogadores, treinadores e dirigentes. O pensamento de Darcy Ribeiro sobre o nacionalismo de esquerda e sua crítica social sempre muito atual nos ajudam a analisar o futebol em chave política na medida em que a lógica do capital financeiro atravessa as quatro linhas e determina a consciência ingênua de jogadores brasileiros espalhados pelo mundo.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro, nacionalismo, consciência ingênua, futebol.

DARCY RIBEIRO: “NATIONAL” SOCCER AND OTHER TRINKETS

Abstract: This article discusses the status of Brazilian soccer today from the perspective of Darcy Ribeiro's idea of nationalism. Defended fanatically by the far-right political movement, the idea of nationalism comes up against a contradiction that reveals its foundations as an economically and culturally dependent country, which largely explains the strong tendency of far-right supporters to hand over national wealth and maintain a naive awareness of love for their homeland. This tendency can also be seen in Brazilian soccer, a mass phenomenon that has recently been taken over by the extreme right-wing nationalist discourse of players, coaches and managers. Darcy Ribeiro's thoughts on left-wing nationalism and his ever-present social critique help us to analyze soccer in a political light, insofar as the logic of financial capital crosses the field of play and determines the naive consciousness of Brazilian players around the world.

Keywords: Darcy Ribeiro, nationalism, naive consciousness, soccer.

¹ Doutor em Filosofia. Professor do PPGDS/Unimontes e do Departamento de Filosofia da Unimontes. E-mail: meirelesildenilson@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0528-727X>.

DARCY RIBEIRO: FÚTBOL “NACIONAL” Y OTRAS BARATIJAS

Resumen: Este artículo analiza la situación actual del fútbol brasileño desde la perspectiva de la idea de nacionalismo de Darcy Ribeiro. Defendida fanáticamente por el movimiento político de extrema derecha, la idea de nacionalismo choca con una contradicción que revela sus fundamentos como país dependiente económica y culturalmente, lo que explica en gran medida la fuerte tendencia de los partidarios de la extrema derecha a entregar la riqueza nacional y mantener una ingenua conciencia de amor a la patria. Esta tendencia también se observa en el fútbol brasileño, un fenómeno de masas que en los últimos tiempos ha sido asumido por el discurso nacionalista de extrema derecha de jugadores, entrenadores y directivos. Las reflexiones de Darcy Ribeiro sobre el nacionalismo de izquierdas y su siempre presente crítica social nos ayudan a analizar el fútbol bajo una luz política, en la medida en que la lógica del capital financiero traspasa las cuatro líneas y determina la conciencia ingenua de los jugadores brasileños en todo el mundo.

Palavras-claves: Darcy Ribeiro, nacionalismo, conciencia ingenua, fútbol.

1º Tempo: Por um nacionalismo de esquerda

Não é novidade pra ninguém, mesmo para aqueles que nunca leram uma página sequer de qualquer texto de Darcy Ribeiro, que sua defesa da autonomia política e econômica do Brasil se expressa como sua mais entusiasmada defesa do nacionalismo. Entusiasmo crítico e visceral de um pensador que conhece o próprio país de todos os ângulos. E o sabemos somente porque Darcy Ribeiro tem popularidade de jogador de futebol dos bons, daquele que não vende seu passe ao sofisticado futebol estrangeiro de primeiro mundo e faz opção pelo terrão em traves de aroeira. É um pensador do Brasil. Um brasileiro, nascido por aqui pelo arraial das formigas e terra da cultura catopé, que ganhou o mundo, convidado por estadistas e intelectuais famosos a morar na Europa e nos Istêites, mas preferiu se entranhar na América Latina e reinventar a Pátria Grande desejada por Simon Bolívar, a pátria das revoluções socialistas no seio da qual pulsaria a pátria de chuteiras. Esse enraizamento de Darcy na América Latina e seu encantamento pelo ‘povo’ brasileiro, em especial, esse povo sofrido e festivo, dá a ele, merecidamente, a tarja de capitão dos intelectuais nacionais. É certo que ele poderia dividir o comando da equipe com outras personalidades de mesmo peso e autoridade intelectuais, como o fez em vários momentos de sua trajetória com diversos pensadores do Brasil, tais como Anísio Teixeira, Paulo Freire, Oscar Niemeyer, Glauber Rocha, Leonel Brizola, Guerreiro Ramos, Abdias Nascimento, dentre tantos outros craques de mesmo calibre que ele no exercício contínuo de pensar os problemas nacionais.

E parece estranha a letra “nacionalismo” no texto de um autor que radicalizou sua crítica social dos instrumentos truculentos das ditaduras que se perfilaram pela América Latina, inclusive no Brasil – onde durou mais tempo a ditadura –, pois que o argumento dos milicos aqui e acolá não era outro senão o da defesa da pátria, ou seja, a defesa da nação contra o perigo comunista. Desde então, essa pecha “nacionalista” se alojou nas entranhas do pensamento conservador de modo que o termo mesmo ganhou ares de “posse”, de propriedade dos defensores da pátria contra seus inimigos, os insurgentes de toda espécie. Os acontecimentos mais recentes em toda a América Latina tem demonstrado justamente isso. A ascensão alhures das extremas direitas traz em sua fachada a reivindicação da defesa da nação contra os detratores, ao mesmo tempo em que recupera o fantasma do comunismo como o mal a ser combatido à bala. Zeladores da pátria, eles conclamam seus pares para uma guerra de morte contra os inimigos da nação.

Ora, mas não é de se estranhar que os ecos da extrema direita, da direita e coisas afins, que reivindicam a chancela de “protetores” da nação, façam suas alianças com os colonizadores de sempre e retroalimentam o seu discurso nacionalista com enunciados propalados pelo império vampiresco que devasta todas as riquezas da nação que defendem? Não é de se estranhar que a defesa da nação esteja aí contaminada pelo servilismo ao império capitalista que orienta a superexploração do trabalho e mantém dependente a nação que defendem esses “nacionalistas” míopes? Retórica política, servilismo, subserviência, entreguismo, dependentismo, tudo isso entra na conta desse projeto “nacionalista” cada vez mais em evidência a incendiar os debates dos botecos às casas parlamentares. Desde a década de 1960 Darcy via com profundidade o alcance desse destino terrível do país saqueado brutalmente pelos militares e pelas forças conservadoras que se espalhavam pelos quatro cantos da nação. Como tantos outros de sua geração, mas com uma radicalidade ímpar, Darcy Ribeiro denunciou toda a farsa da extrema direita, desde o militares, até alcançar a direita conservadora que se perpetuou no poder como uma “elite burra” e mesquinha.

O nacionalismo, e essa é a correção feita por Darcy Ribeiro, tem a ver com a defesa da nação contra os colonizadores e sua sanha vampiresca de a tudo devastar, sugar, expropriar, roubar, matar e deixar à míngua um povo e suas riquezas naturais. O nacionalismo requer um amor à pátria que exige a elevação cultural do seu povo, a distribuição equilibrada de suas riquezas para a sua gente, a recusa do autoritarismo e da tortura, a autonomia política e econômica, a garantia de direitos fundamentais e o aprimoramento, em nível de excelência, das qualidades culturais que nascem de forma espontânea das manifestações do povo e que devem retroalimentar a vida espiritual da nação como marcas de sua “identidade” cultural. A riqueza

de um povo está em sua opção pelo que é “seu” e não pela importação das receitas prontas nem pela veneração daquilo que é fabricado pela empresa imperialista que a tudo devasta sem qualquer pudor.

Intervalo: O futebol nacional...

Vamos ao futebol...! Tivesse Darcy Ribeiro escrito sobre futebol, ou fosse ele um grande entusiasta da pelota – não escreveu absolutamente nada sobre, mas sabe-se que era Fluminense... –, não tenho dúvidas de que suas resenhas esportivas rechaçariam de forma contundente isso que se pratica como “futebol brasileiro” atual. Aliás, para aquecer a turma do banco de reservas, no ano que a seleção canarinho perdeu a Copa do Mundo para o Uruguai em pleno Maracanã, poucos meses depois da frustração nacional, Darcy Ribeiro participava, com outros intelectuais e militantes, de um importante debate no 1º Congresso do Negro Brasileiro sob a batuta de Abdias Nascimento e Ironildes Rodrigues. Dentre outras motivações já de longa data – 1500 –, a disputa final da Copa de 1950 explicitou o racismo no futebol tupiniquim com a culpabilização dos negros em atuação pelo fracasso da seleção. O arqueiro Barbosa, massacrado pelos jornais da época, teve a carreira tomada por esse fracasso coletivo e morreu ainda sob a desconfiança de ter sido ele o maior responsável pela tragédia nacional. Além dele, o zagueiro Juvenal e o lateral esquerdo Bigode teriam protagonizado aquele crime contra a pátria.

Feito aquecimento dos reservas, voltemos o olhar aos que retornarão a campo e façamos algumas apostas no DarcyBet a ver se acumulamos alguns pontos no nosso Cartola de plantão. Comecemos por aquilo que parece ser a máxima expressão de uma nação em chave futebolística, a seleção. Brasileira? A tomar pelos atestados de nascimento, sim, é uma seleção genuinamente brasileira. Todos nascidos nesse latifúndio da Pátria Grande. Mas não é isso que caracteriza o sentido mais profundo do “nacional”. Há o *pathos* do pertencimento à vida espiritual do povo no seio do qual se nasce. Há a compreensão das contradições que atravessam a história de formação de uma nação. Há o compromisso social com as desigualdades que assolam trabalhadores e trabalhadoras, superexplorados e superexploradas que são pelas forças produtivas do império capitalista. A defesa de uma nação, àqueles que reivindicam o nacionalismo e o amor à sua pátria, carece de envolvimento político com os problemas do seu povo. Ainda que não de modo a transformar as 4 linhas em palanque eleitoral, mas fazer do futebol, além da expressão da alegria e do entusiasmo, uma instância de contestação, revolta,

insurgência e desobediência. Ora, considerando esses pré-requisitos, Darcy Ribeiro seria assertivo: não temos uma seleção nacional. Não porque os jogadores, quase todos, não jogam no Brasil, mas porque desconhecem completamente o sentido, as vibrações, as contradições, as peripécias, as dores e as alegrias do seu próprio povo.

Descontado esse fato de não disputarem os campeonatos pelos campos brasileiros, jogadores de futebol pedem de um mal crônico: a alienação política. Mundo paralelo, com economia própria, contratos milionários, ostentação e futilidade pelas duas laterais do campo social, o futebol de modo geral é negócio de empresa multinacional. A colonização europeia passa também pelo futebol e não há quem resista aos estádios luxuosos e propostas financeiras de alta monta em Alemanha, Inglaterra, Espanha, Itália, França e Portugal, além dos desconhecidos espalhados pelo Leste Europeu e os aposentados que fazem seu pé-de-meia no Oriente Médio e países da Ásia. Aos que permanecem no Brasil em futebol de baixo nível, restam a resignação de não terem a chance em um clube europeu e a ostentação midiática de seus contratos absurdos – o contrato mais caro da história do futebol brasileiro! –. Salários astronômicos, direito de imagem, luvas, bônus por assistências e gols marcados, “bicho” por finais conquistadas, multa rescisória e tantas outras cifras que entusiasmam qualquer “cabeça de bagre” a se sacrificar pelo seu patrão – diga-se, o seu empresário, o empresário-presidente do clube, a marca esportiva que financia sua carreira. Realidade à parte do mundo real, jogadores de futebol lá e cá partilham da mesma consciência ingênua e repetem o gesto alienante fomentado pelo sistema capitalista no mundo do trabalho em todas as suas nuances.

Então, o que representam em campo esses militantes da pelota se não há esse horizonte nacional? Todos já sabemos, representam grandes empresas capitalistas, grandes marcas de negócios. É certo que a profissionalização do futebol incorporou a lógica das relações de trabalho e não tardou para que as contradições entrassem em campo. O futebol que importa, esse da ostentação e dos contratos milionários de jogadores, é efeito da superexploração, das isenções fiscais aos clubes, da lavagem de dinheiro na compra e venda de atletas, de contratos de gaveta, de sonegação fiscal, de patrocínios de multinacionais – grandes supermercados, marcas esportivas, empreiteiras e construtoras, casas de apostas, bancos e um sem número de outras empresas que lucram com o investimento alto em clubes e jogadores. Para um único exemplo, a título de explicitação das contradições, é comum os clubes terem em seu elenco um único jogador com salário maior que a folha de pagamento de todo o resto do elenco ou de um clube adversário. Esse tipo de contradição explica as desigualdades sociais que atravessam o futebol e mantém jogadores cativos de uma consciência alienada em relação às contradições em campo aberto da vida social de seu país.

Em outro flanco, podemos seguir essa trilha que vai do futebol praticado no país durante algumas temporadas até alcançar esse ponto máximo que é a seleção. O que temos aí? Um futebol nacional? Olhemos para as marcas que patrocinam os clubes e os campeonatos. Olhemos para o perfil dos nossos jogadores e fiquemos atentos às performances dentro e fora de campo. Uma playboyzada... Muito similar, em termos de propósito, ou falta dele, àquilo que Darcy Ribeiro disse sobre a juventude “revolucionária” das universidades latino-americanas. Não que essa gente não tenha direito ao lazer, ao esporte em geral e ao futebol. O povo tem todo esse direito por ser ele o criador desses espaços e seria contradizer a obra de Darcy pensar que algum brasileiro não tenha direito ao lazer. É que, no caso do futebol, se perde a graça, a leveza, a paixão, o entusiasmo, a euforia, as lágrimas, o grito, o canto e o encanto. Pois que historicamente tudo que a elite brasileira acessa passa a ser domínio exclusivo seu. Latifúndio. Monopólio. Posse. Propriedade privada. A elite “nacional” nunca soube dividir absolutamente nada. Jamais ela suportou as transfigurações materializadas pelas classes populares sob condições adversas. Por isso ela cria barragens, interdições, linhas divisórias, marcadores sociais de violência e de morte no intuito de continuar seu projeto de dominação cultural e política.

2º Tempo: A degradação do futebol nacional é um projeto

A apropriação do futebol, sua elitização e miserabilidade, se tratam dessa perspectiva nefasta de esvaziamento de uma parte da vida social brasileira que pulsa dentro dos estádios. É algo metódico, coordenado, organizado ao modo de uma máfia. Apropriação dos espaços decisórios do futebol, federações e confederações, das diretorias e presidências dos clubes, dos conselhos deliberativos, dos comitês de arbitragens, todas as instâncias administrativas do futebol estão completamente dominadas por banqueiros, grandes empresários, políticos influentes, capital estrangeiro, casas de apostas e toda sorte de agentes muito bem qualificados na arte de roubar as riquezas nacionais, sacar suas comissões opulentas e entregar a melhor parte aos gringos, qual seja, os artistas da bola que vem das periferias do país para depois não mais reconhecerem suas origens.

Dos jogadores brasileiros mais destacados nas grandes ligas internacionais, é muito raro algum se preocupar com as questões de seu povo, com os problemas de seu país. Mesmo os que por aqui permanecem também com destaque – mais pelos altos salários do que pelo que realmente jogam –, a sensibilidade política para questões urgentes da vida social é praticamente nula. Quando decidem entrar no campo da política, são um fracasso total. Se posicionam à

direita ou à extrema direita, como é o caso de vários jogadores, técnicos e diretores de clubes que saíram às alamedas virtuais a partir de 2018 com a escalada da extrema direita no Brasil. E não se envergonham disso. Fazem fileira, mão ao peito, cantam o hino nacional com vigor, levantam a bandeira da nação, declaram amor às cores do país, mas deixam o rastro da ignorância, do egoísmo, da consciência ingênua e da futilidade. E toda essa estupidez recobre as várias camadas do futebol “nacional”, dentro e fora das 4 linhas. Quem são as administradoras das novas arenas? Quem são os empresários das crianças que mal começam as escolinhas e já estão vendidas aos clubes europeus? Quem são os patrocinadores das nossas estrelas e dos nossos craques forjados como ídolos de uma geração que não sabe bem a diferença entre um bom jogador, um craque e um ídolo?

Essa insanidade que atravessa o futebol de ponta a ponta, esses valores astronômicos de contratações anunciadas a cada início de temporada e que alegra os entusiastas mais desavisados, as declarações rasas pós-jogos de treinadores e cartolas, a circularidade viciosa de treinadores aposentados mas em atividade com contratos milionários a cada temporada – às vezes em 2/3 clubes numa mesma temporada mantendo seus contratos extravagantes –, tudo isso é hoje o que coordena a dinâmica do futebol nacional. No limite, eu diria, o futebol brasileiro se tornou uma grande loja de quinquilharias. Performatividade sem conteúdo interessante, ostentação de carros importados, relógios caros, ilhas sem vínculos com o continente, jatinhos particulares sobrevoando a vida rasa dos reles mortais e dos atletas meia-boca, cabelinhos cortados à régua, uniformes de jogo sem uma mancha sequer de lama ou poeira... Performance vazia, nada mais. Entretenimento esportivo com a vida pessoal – os namoros com as mulheres mais cobiçadas, as traições nos casamentos, filhos não assumidos, pensões alimentícias não pagas, estupros aos montes de mulheres vulneráveis, agressões e violências outras –. Vejam no que se tornou o debate mais importante da mídia esportiva.

É nesse universo de quinquilharias que respiramos o futebol. Melhor, é nesse mar de água insalubre que respira o futebol nacional. O futebol, me desculpem, não é mais o reflexo da nossa sociedade. É um universo paralelo. O futebol não é uma representação do mundo real, nem é mais a possibilidade do sonho, da embriaguez dionisíaca, da transfiguração criativa do mundo da vida. Não estamos mais no país do futebol, senão no país de um grande negócio capitalista chamado futebol. Não somos mais a pátria de chuteiras, como preconizou Nelson Rodrigues, somos uma pátria-agência de negócios lucrativos com a habilidade e performance de sujeitos cujos sonhos são desvirtuados já na primeira jogada da partida. As crianças desistiram de sonhar com o futebol e não sonharão com um país melhor, pois a regra geral das

escolinhas e dos clubes é promover os indivíduos a objeto de contratos espetaculares no mercado da bola.

Nos acréscimos: é possível ainda virar esse jogo?

Nesses termos então, de um futebol já desinteressante, carcomido pelos cupins agenciadores do capital internacional e com seu sangue vampirizado pelos banqueiros diretores e presidentes de clubes e confederações, mas na expectativa de um acaso feliz como desfecho desse jogo triste sem gols e ser arte, resta-nos perguntar: o que resta do futebol que vale a pena? O que resta a nós, expectadores que somos da nossa própria miséria clubista? Vejam que tentei fazer até aqui o estoque das quinquilharias que entulham o futebol com o auxílio de algumas chaves de leitura do nosso craque em análise social em profundidade, Darcy Ribeiro, que jamais foi um meia de contenção no campo das disputas políticas ou se lançou à crítica social pelo empate medíocre. Odiava a retranca covarde. Partia sempre pra cima dos seus adversários, preparado com bons argumentos, como o fez com a elite nacional, com os colonizadores, com os militares, com os próprios sociólogos brasileiros internacionalizados e rendidos em seus gabinetes pelas bolsas de pesquisas das agências estrangeiras.

O que nos resta, afinal? O Brasil de Darcy Ribeiro! O Brasil do povo que ainda é capaz de fazer pulsar o carnaval dentro e fora do carnaval das agências de turismo para gringos. Resta a nós o Brasil de um povo novo, capaz de rir, chorar, vibrar, se indignar e celebrar o futebol dentro e fora futebol das empresas de apostas, dos agenciadores cretinos e sem paixão. E que bom que apesar de toda essa desgraça em que se tornou o futebol, irreconhecível e de um estrangeirismo esquisito, nos resta o torcer imaculado, esse que os pulhas do futebol não alcançam e jamais saberão do que se trata, assim como as agências do futebol não podem comprar. Apesar de vocês, amanhã há de ser outro jogo! A paixão não se vende! A crítica não se aliena! O torcer não se rende, jamais! E viva o torcer, a derradeira virtude do nosso futebol tupiniquim!